

Apresentação

Prezados leitores e autores, é com muita satisfação que trazemos a vocês mais um número da nossa Revista Discente Ofícios de Clio. No conturbado, controverso e repressivo cenário atual da política brasileira, seguimos resistindo e evidenciando o quanto a pesquisa em História é importantíssima para a compreensão de nossa sociedade e nossa trajetória. Sendo assim, para abrir este número temos a presença do dossiê *Intolerâncias, preconceitos e racismos na Era Moderna: entre permanências e rupturas*, que conta com quatro artigos e esteve sob organização dos doutorandos Felipe Silveira de Oliveira Malacco e Natália Ribeiro Martins, ambos da Universidade Federal de Minas Gerais. A apresentação do dossiê fica por conta dos mesmos.

O primeiro trabalho do dossiê Educação do atual número se chama “Maria é Conceição: decolonizando a educação patrimonial na escola”, do graduando em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Lúcio Geller Júnior. Aqui ele nos apresenta suas reflexões em torno da ação educativa que realizou junto à Escola Estadual de Ensino Fundamental Santa Luzia, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Nesta ação, o autor objetivou discutir o âmbito patrimonial da Vila Maria da Conceição por meio de uma perspectiva da decolonialidade.

Bruno César Pereira e Fernanda Ribas, mestrando e licenciada em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná, nos apresentam os resultados de uma aula-oficina vinculada ao Projeto Residência Pedagógica, financiado pela Coordenação Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Essa aula-oficina, nomeada como “Projeto História & Cidade – História Local”, realizada com mais de cem alunos secundaristas de uma escola pública na cidade de Irati (PR), é descrita pelos autores em sua totalidade, abordando as etapas de desenvolvimento do projeto e as dificuldades durante sua aplicação, bem como uma análise dos resultados construídos com os estudantes da escola. Com isso, trouxeram à tona problematizações sobre temas como, por exemplo, segregação urbana, racismo, intolerância religiosa e identidade, tendo como ponto de partida alguns processos históricos de Irati e região.

Já o doutorando em Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Renato Fernandes Lobo, nos apresenta um artigo sobre a cultura pop e seu uso nas aulas de História. O autor defende a utilização de quadrinhos/gibis em sala de aula, bem como uma visão mais popular de arte, partindo de um projeto realizado com um aluno do ensino fundamental II e com base nas ideias de Umberto Eco e Waldomiro Vergueiro. Há um grande destaque para a utilização da cultura pop como forma de inserir o alunado na historiografia (mitologia e

religião), bem como estudar, refletir e quiçá gerar críticas sobre a cultura midiática e sua ampla força na sociedade atual, por meio de algo que, para eles, é extremamente cotidiano.

No trabalho intitulado “ ‘Índios não usam boné’: representações dos povos indígenas do Brasil para estudantes do 8º Ano de uma escola particular de Lages/SC (2017)”, sob autoria de Carolina Corbellini Rovaris, mestranda no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História e atualmente professora de História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), é proposto um debate acerca da representação que sofrem os povos indígenas, a partir de uma ótica voltada aos alunos do ensino fundamental, tendo como ponto de partida a análise de imagens que foram convertidas em texto pelos discentes. Através desses textos, a autora discute as diferentes visões prévias trazidas por esse público, destacando a importância de políticas de integração que rompam com preconceitos e rótulos presentes em nossa sociedade.

A morte e seus desdobramentos é um grande tema que ainda não havia sido abordado em nossa Revista. Mas com o artigo intitulado “A terra dos mortos na cidade do Rio Negro: Mudanças nas práticas funerárias na cidade de Manaus e a construção do Cemitério de São José (1848-1859)” do autor Fábio Augusto de Carvalho Pedrosa, graduando em História pela Universidade Federal do Amazonas, inauguramos essa temática. Abrindo a seção de Artigos Livres, Fábio Pedrosa explora de que forma as práticas funerárias sofreram adaptações na segunda metade do século XIX, influenciando a construção de um novo cemitério na cidade de Manaus – Amazonas. Como fontes, o autor se utiliza de leis imperiais, códigos de postura, relatórios de governo, jornais e discursos higienistas, e investiga a ingerência de epidemias e teorias miasmáticas na cidade.

O artigo de Dandriel Henrique da Silva Borges, graduando em História na Universidade Federal do Rio de Janeiro, intitulado “Harry Potter e Bestiários: A fênix enquanto representação do ‘Salvador’”, analisa como a figura fantástica da fênix foi representada em dois contextos históricos distintos. O primeiro momento através de dois bestiários do século XII e o segundo a partir de cenas de quatro filmes da consagrada saga do cinema infanto-juvenil *Harry Potter*.

No artigo “Foucault e Latour - a Revolução copernicana da historiografia: por uma desnaturalização dos objetos (o caso da história das doenças)”, do doutorando em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC) Antonio Ferreira, podemos encontrar uma discussão acerca de conceitos em torno da historicidade, bem como um aprofundamento sobre a desnaturalização dos objetos de estudo, exemplificando considerações a partir da história das doenças, vista como um fenômeno social. O debate é baseado em leituras do filósofo Michel Foucault e do sociólogo Bruno Latour.

Jordana Eccel Schio, graduanda em História pela Universidade Federal de Santa Maria, apresenta um artigo em que faz uma análise da figura do Diabo em fontes pictóricas dos séculos XIV e XVI, mediada pelo avanço da peste bubônica, que assolou a população europeia em alguns períodos da História. Sob o título de “O Julgamento do Diabo: análise da figura demoníaca nas pinturas murais sobre O Último Julgamento de Nardo di Cione e Michelangelo entre 1350 - 1550”, são utilizadas análises iconográfica e iconológica, embasadas no método do historiador alemão Erwin Panofsky, ao passo que busca estabelecer relações com a obra *A divina comédia* (publicada no início do século XIV), de Dante Alighieri.

O artigo de Thales Reis Alecrim, mestrando em História pela UNESP, aborda uma interpretação mais ampla da canção *Tecer Mundo*, fragmento da *Prosa del Observatório* escrito por Júlio Cortázar e divulgado pelo conjunto Secos & molhados, um grupo musical brasileiro dos anos 70. O trabalho levanta questionamentos quanto ao público alvo dessa canção, buscando compreender como se configuravam as identidades latino-americanas nas sociedades do século XX. Ao longo do texto o autor traz à tona os limites da influência do Estado na cultura frente às referências globais. A partir disso, expõe como se relacionavam as diferentes identidades fragmentadas. Sua proposta não é ver a canção e as artes como meros produtos, mas sim como portadores de uma complexidade muito maior nas relações humanas.

O texto de Vinicius Sales Barbosa, graduado em História pela Universidade do Sagrado Coração (USC), denominado “A esperança da revolução representada pela figura de Luiz Carlos Prestes no filme Olga”, é fruto de um projeto desenvolvido a partir de algumas disciplinas da graduação. Neste artigo, foi discutida a vida de Olga Benário, importante figura na militância política comunista da década de 1930, tendo atuado fortemente contra o regime nazista. Através dessa importante personagem, foi debatida a historicidade do filme *Olga* (2004). Olga Benário foi casada com Luiz Carlos Prestes, conhecido como “Cavaleiro da Esperança” graças a sua atuação na Coluna Prestes. Desse romance nasceu a filha do casal, Anita Leocádia Prestes, que foi separada prematuramente de sua mãe, quando essa foi presa e deportada para a Alemanha, onde veio a falecer sob jugo do regime nazista. O debate trazido pelo autor vale-se de três tópicos de discussão: Intentona Comunista, Aliança Nacional Libertadora (ANL) e do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Através destes, analisa novas perspectivas no campo da historiografia.

Arthur Danillo Castelo Branco e Souza, doutorando em História na Universidade Federal de Pernambuco, nos traz o resultado de pesquisa que estuda as fugas de escravos na Pernambuco do Período Imperial. Para tanto, utiliza-se da imprensa como fonte, mais especificamente através de dois periódicos: *Jornal de Recife* e *Diário de Pernambuco*, durante

os anos de 1850-1870. O autor busca elucidar como essas fugas (tanto individuais quanto coletivas) causavam um impacto cada vez maior em uma estrutura escravagista que começava a mostrar sinais de decadência por meio de várias contradições, dando o devido destaque para esse importante ato de resistência, que era o de fugir.

Para fechar o número temos a primeira resenha publicada na *Ofícios de Clio*, com o trabalho de Jeferson Dalfior Costalonga, em que este analisa a obra *Historias de Ultramar: Antecedentes y proclamación de La Primera Cruzada. El camino y La conquista de Jerusalén*. Este livro tem como autor Guilherme de Tiro, clérigo intelectual do início da Baixa Idade Média. A tradução do primeiro tomo, com introdução, notas e apêndices, foi feita pelo doutor em Filosofia e Teologia, Lorenzo Vicente Burgoa, e lançada em 2015. Os tomos II e III estão em fase de publicação.

Após este panorama geral desta edição da Revista Discente *Ofícios de Clio*, a Equipe Editorial deseja a todos e todas uma ótima leitura!

Equipe Editorial:

Márcia Janete Espig

Bárbara Denise Xavier da Costa

Luiz André Gasparetto Pagoto

Jéssica Bitencourt Lopes

Thayná Vieira Marsico

Vitor Wieth Porto

Lucas de Souza Pedroso